

Relação, Administração e Officinas
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegraphico: LANTERNA

Toda a correspondência deve ser dirigida ao

DIRECTOR:

EDGARD LEUENROTH

A Lanterna

POLHA ANTI-CLERICAL E DE COMBATE

Apparece aos sabbados

PREÇOS DE ASSINATURAS

ANNO 10\$000
SEMPRE 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

No preço de assignaturas para o exterior ha a differença de porte do Correio

O anticlericalismo

Ninguém pode esconder que o facto culminante desta hora da civilização é o esforço magnifico da intellectualidade mundial repulando os ensinos absolutos, os dogmas terrificantes do romanismo decadente.

Em todos os paises, congregam-se elementos de combate ás manobras do Vaticano que, explorando a imbecilidade humana, pretende eternizar o seu dominio exercendo sobre as consciências.

A Igreja Catholica não se contenta com a magnanimidade dos governos permitindo o exercicio de um feticismo grosseiro, embrutecendo e fanatizando as massas.

Não se contenta em expor uma farandulagem pomposa no interior dos templos, a sua carnavalesca ostentação objectivada em procissões, em réquies de sino e foguetório atroz. Acha insignificante as imensas riquezas acumuladas em suas arcas por effeito de um culto movido exclusivamente pelos interesses de ordem material.

Não lhe bastam as pingues receitas que as missas, baptizados, sermões, casamentos... fazem derivar para os seus aulheiros repletos, tilintando de ouro e pedrarias falcantes.

A sua ambição possui uma elasticidade incalculável.

A conquista dos bens temporais, do luxo, da vaidade, quer adicionar a subjugação das consciências.

Prêgo o dogma do inferno, a infallibilidade papal, os pavores da excomunhão para incutir a pusillanidade e obter a subserviência das multidões.

Anathematiza a sciencia porque precisa evitar a todo transe que raciocine sobre os mysterios da eucharistia, da santissima trindade e de outras concepções sem nexo destinadas a entreter a fé cega nos cerebros vencidos, esmagados pelo obscurantismo.

A maior parte do clero está profundamente convencida dessas boboseiras e infantisidades postas em voga, ha seculos, quando a ignorancia generalizada era um terreno excepcional á sua florescência.

A maior parte desses representantes caricatos de Jesus, contumeliosos de S. Pedro, como fazem crer aos povos, é materialista até á medulla dos ossos. Está convencida de que o romanismo é uma grande ulcera no organismo das collectividades.

Mas prefere continuar a degradante comedia da hypocrisia, produzindo lucros facéis, a vir para a luta social onde o trabalho honesto e fecundo exige sacrificios, cansaças e, não raro, heroismos que ficam ignorados, geralmente, na sombra do anonymato.

E' tempo da humanidade sacudir o jugo feroz das legiões do papa.

Colligam-se os espiritos liberais, conjuguem as suas forças vivas contra todos os despotismos mascarados com a invocação sacrilega de Deus, contra todas as intolerancias que só têm em sangramento o solo das nacionalidades... e em breve rasgar-se-á na historia uma era de paz, justiça, amor, enlaçando os corações para a suprema conquista da fraternidade universal.

Vianas do Carvalho.

O beijo que salva!

Está que é um primor a 1.ª pagina (sem reclame) do grande jornal carioca o *Correio* de domingo passado.

Como me acho satisfeito de ter puxado do fundo do bolso estes cinco vinténs que nesse dia vieram para a fome do meu espirito sedento de saber e de luzes!

E este alimento sagrado foi-me fartamente, abundantemente, prodigamente fornecido num desperdicio e liberalidade taes que farto me acho como ao sair do mais lauto banquete.

Ah! como a minha fibra de patriota e crente, ha muito amolecida por uma falsa philosophia subversiva e maliciosa, vibrou de novo com toda intensidade de que é capaz, depois de ter lido, relido, analysado as sete columnas suggestivas e cheias de logica impecavel e substanciosa dos insignes escriptores que enriquecem as columnas do mais lido de todos os jornais da capital da Republica!

A primeira chronica tem por titulo — A mulher e a bandeira — e traz a data de 5 de abril — Lisboa. Para que se faça uma ideia justa do que é esse artigo, abri vai o final do ultimo paragrafo:

«As mulheres hespanholas, que não sabem, positivamente, o que hão de fazer a todos os beijos que continuamente lhes nascem nas bocas appetitosas, vão galantemente crear esse outro beijo, esse inedito beijo da patria, o beijo que se offerece á passagem de bandeira, o beijo que, nascendo á vista do symbolo nacional, não deixará de ser a melhor garantia do futuro da raça e mais uma causa de inveja para as companheiras do alferes que levar, nos dias grandes, o livro de ouro e sangue.»

Hervé, cobre-te de vergonha, de nada te serviu o que fez este official millionario do exercito francez que tu subverteste com a tua campanha antimilitarista e as mentiras e feias coisas que prégas. Este louco que, não satisfeito de te enviar todos os meses mil francos durante os quatro annos

que tens de passar nas masmorras republicanas da França de 89, ultimamente levou a demencia ao cumulo de pôr á tua disposição 500 mil francos (cerca de 300 contos) se o governo não te abris as portas da prisão já e já!

E vós pacifistas, para traz: nós as mulheres queremos que os nossos filhos adorem o pendão symbolico em torno do qual se morre e mata, como actualmente em Marrocos ou na Tripolitania e nos futuros campos de batalha.

A guerra é agradável a Deus. Assim deve pensar a escriptora hespanhola condessa de Pardo Bazane e todas as damas da aristocracia mundial!

Entretanto, ainda não se quiseram convencer disto as mulheres do povo, como por exemplo as dos mineiros inglezes e outras mais.

Outro artigo, o ultimo da pagina e que termina no começo da primeira, reduz os republicanos portuguezes á expressão mais simples, e, como sempre, o articulista fala-nos na proxima invasão de Paiva Couceiro, o que tem sido uma mina de ouro, diria, para o jornal em que propheta, porque nove decimos da colonia desta grande cidade espera ansiosa a volta do rei e a restituição á Igreja Catholica das suas seculares prerogativas e privilegios.

Cita o telegramma que diz estar Couceiro em Camposancos, villa hespanhola fronteira a Caminha, e acrescenta: «Oxalá assim seja, e que o troar da artilheria realista indique ao universo que chegou a hora da liquidão de um regimen que assassinou um rei e um principe, que maculou uma bandeira sagrada, substituindo-a por um pavilhão que a lealdade portugueza repelle e não reconhece, e que suffocou a liberdade de consciencia de um povo que era livre, não lhe resistindo no menos a crença religiosa!»

E termina alegremente: «Vai começar a Inana!»

Como viram pelas transcrições que fizemos, é o combate a peito descoberto, a carga cerrada, a leva para a analyse e a critica, fundo contra as theorias diabolicas que irradiam deste foco de revoluções que é a capital fran-

ceza, que ha um seculo vêm derubando imperios e reinos e ameaçam agora as proprias republicas com as suas greves monstrosas que dão o nome de acção directa.

Ah! porém não lograrão o seu intento estes novos barbaros. O beijo á bandeira dado ou enviado de longe pelas aristocraticas bocas femininas foi uma nova descoberta que veio salvar o corpo social gangrenado.

Gloria ao beijo! Qual, o do Iscarote ou o de Rostand? Não, o da bandeira.

Adrenal.

Rio, 28 — 4 — 912.

MILAGRES

Sustentar que um phenomeno pôde ocorrer independente ou contrario ás leis naturaes que regem o universo é uma estulticia. Milagre não ha, não pôde haver. De facto, o mundo e os outros astros, que vemos brilhar na immensidade, são regidos por leis fixas, eternas, imutaveis.

Eis o que sustenta a sciencia, isto é um dos axiomas da grande mestra. Se assim é, se essas leis são immutaveis, como se podem alterar?

A causa dessas leis, a sciencia não desconhece é certo; mas, pondo de parte as explicações metaphysicas, a sciencia estuda, investiga e ha de chegar o dia em que o que resta de incongnoscivel na natureza se patenteie, claro, inopismavel aos olhos de todos.

A tendencia da hodierna geração a leva para a analyse e a critica. Desmoronados os dogmas, perdida a fé religiosa, procura a sciencia a chave dos mysterios que a natu-

Os crimes da Igreja



Supplicio de Joanna d'Arc que, depois de queimada viva pela Igreja, foi por ella canonizada.

reza guarda avaramente. E as descobertas se succedem. E proseguindo em sua obra, a sciencia procura investigar com o auxilio da razão, da intelligencia humana a causa desconhecida de factos que se dão e que ella não pôde explicar actualmente. Quer isto dizer que os factos, a que nos referimos são milagres? Não. Existe de certo, o incongnoscivel, mas este incongnoscivel se vai restringindo, á medida que a sciencia progride. Assim: houve uma época, em que a causa dos raios e trovões era desconhecida. Hoje esta causa não é mysterio para ninguém.

«Não sei a causa desse facto, mas saberei tal é a resposta que dá a sciencia. E, incansavel, prosegue que suas investigações, com tanto mais ardor quanto maiores forem os obstaculos. Se assim é, não pôde haver milagre, isto é, não pôde ocorrer um phenomeno contrario ás leis conhecidas que regem o universo.

Essas leis são implacaveis. Não as commove a angustia terrivel de um irmão que vê morrer na flor da idade a seu irmão querido, o lancinante desespero de infelizes que sabe condemnado o seu filho extremado. Mesmo admitindo a existencia de Deus, o milagre é impossivel. Para os que admittem Deus, as leis naturaes estabelecidas por este ser omnipotente são sabias, perfeitas. Ainda nessa hypothese o milagre é inaceitavel. De facto a modificação de uma lei, importa, é obvio, na melhora della. Sendo assim a lei natural modificada não é sábia, o que é absurdo. A revogação de uma dessas leis importa na inutilidade della ou na injustiça que della promana. Absurdo maior, pois vale dizer, que a lei natural revogada era injusta ou inutil.

E' crível que Deus tivesse pres-

cripto leis que precisam ser revogadas, ou modificadas? E' crível que Deus dê aos homens, o funesto, o pernicioso exemplo de desobedecer a leis que elle mesmo preservou? Não, meus senhores, isto não é serio.

Si acreditais em Deus, negai o milagre. Juntai-vos a nós, como os espiritos, e como os dicipulos de S. Pet, negai o milagre, como incompativel com a sabedoria, a prescencia de vosso Deus.

Negai o milagre, juntai-vos a nós, pois o milagre, contradicção de uma lei natural é a negação da sapiencia de Deus. Negai o milagre, e affirmar como phenomeno algum, contrario ás leis naturaes pôde ocorrer.

Rio, 25 — 3 — 1912.

Eduardo Vital.

BRUXARIA

(Conte portuguez)

Naquelle pequena aldeia remota, despendada no cavado dum valle, aberta entre serranias altas, onde todos pacificamente nasciam, viviam pacificamente — trabalhavam, casavam, procreavam — e pacificamente morriam, na tranquillidade enorme e suggestiva dos campos, manchados pelas névoas fúves de grandes bois massuos, ninguém vira jamais um «passaro» assim, de bico curvo, o olho redondo, as penas de cores brillantes... Por isso o assumpto das bruxas, ao serio, era o pagagalio do «brasilero».

Já quando este chegava, o panico faz geral. O brasileiro tinha chegado a certa manhã, no comboio do Douro, a estação mais proxima da aldeia — tres leguas bem puxadas. Era uma estacionista garrida, com um pequeno jardim todo florido de rosas-chá, onde vivia, com mulher e tres filhos, um chefe gordocho e de barba grisalha.

Foi um acontecimento. A noticia espalhou-se depressa, na vespera, pe-

las poucas casitas do lugar. Até o Zé da Quinta, que tinha de ir á feira distante vender os toiros, teve pena de não ficar para assistir á chegada festiva do «brasilero». Coisa de dois meses antes, já a mãe, velhota, com servada, recebera do «filho do Brasil» uma carta e dinheiro para comprar «uma coisa que fizesse o «brasilero» mais forte, dizia elle, porque depois mandou fazer um «chale» e comprou uma fazenda de Gressa e Deus, lenho com que viver».

Na vinda do Mathews, onde havia bon pinos do verdasco, o caso fora profusamente comentado. O Penedias disse ao taberneiro:

— Então amañhã (anton omahão — como elle dizia) temos cá o nosso «brasilero», o Joaquim da Mõ.

Diga o sr. Joaquim de Sousa Soares, compadre, que vi eu na carta p'ra mim, mandando o Mathews. E sustenta: «O compadre, quem havia de dizer que aquelle rapasello, que foi p'ro Brasil sem uma camisa p'ra vestir, havia de voltar um «Príncipe»?

— E verdade, compadre. E diz que vai mandar fazer um «chale» p'ra mim e comprar fazenda p'ra um vestido.

Ille ser coisa...

Gloriosos manhã, a da chegada. No pequeno largo da estação esperava o curro, amaldiçoado frater na villa. Na vinda fronteira, com um banco de pinho á porta, sobre o qual um gato fechoava os olhos somnolentemente, o «chaleiro» havia com a familia do «brasilero». Cá fora, havia um carro de alieiro, em repouso, sem os bois; uma guilhinha com pintos esgaravata na terra molle, chamando os filhos; e a um canto, junto a um muro baixo, alinhava-se uma girandola de foguetes, ideia do compadre da Eira.

Foi-se aproximando a hora. De repente, a campainha de aviso badalou. Todos se apressaram, limpando os beiços e mangas da jaqueta. O sol piscava já.

Novo toque de sineta, um apito ao longe e a pequena appareceu numa carruagem de primeira, donde saíra um homem cheio, tostado do sol, de bigode e moscos em que reluziam brancas, labios grossos, roupa clara... Era elle: era elle, não havia duvida... viu-se pelo retrato que elle mandara. E foram abraços, beijos, lagrimas e risos. O «brasilero» falava deyager, estratadamente, acenava as syllabas. E tinha um riso na bocca, e grossa, que lhe fazia tremor, sobre a barriga enorme, a enorme corrente de ouro. Aparente-se tambem a mulher — uma mulata, e dois filhos.

De repente, o brasileiro lembrou-se do que quer que fosse, procurou em roda e viu ao pé da Annalhas:

— O «rapazello» venham voçós ver este peizão! Mas já todos corriam para uma carruagem de primeira, donde saíra um homem cheio, tostado do sol, de bigode e moscos em que reluziam brancas, labios grossos, roupa clara... Era elle: era elle, não havia duvida... viu-se pelo retrato que elle mandara. E foram abraços, beijos, lagrimas e risos. O «brasilero» falava deyager, estratadamente, acenava as syllabas. E tinha um riso na bocca, e grossa, que lhe fazia tremor, sobre a barriga enorme, a enorme corrente de ouro. Aparente-se tambem a mulher — uma mulata, e dois filhos.

De repente, o brasileiro lembrou-se do que quer que fosse, procurou em roda e viu ao pé da Annalhas:

— O «rapazello» venham voçós ver este peizão! Mas já todos corriam para uma carruagem de primeira, donde saíra um homem cheio, tostado do sol, de bigode e moscos em que reluziam brancas, labios grossos, roupa clara... Era elle: era elle, não havia duvida... viu-se pelo retrato que elle mandara. E foram abraços, beijos, lagrimas e risos. O «brasilero» falava deyager, estratadamente, acenava as syllabas. E tinha um riso na bocca, e grossa, que lhe fazia tremor, sobre a barriga enorme, a enorme corrente de ouro. Aparente-se tambem a mulher — uma mulata, e dois filhos.

De repente, o brasileiro lembrou-se do que quer que fosse, procurou em roda e viu ao pé da Annalhas:

— O «rapazello» venham voçós ver este peizão!

Mas já todos corriam para uma carruagem de primeira, donde saíra um homem cheio, tostado do sol, de bigode e moscos em que reluziam brancas, labios grossos, roupa clara... Era elle: era elle, não havia duvida... viu-se pelo retrato que elle mandara. E foram abraços, beijos, lagrimas e risos. O «brasilero» falava deyager, estratadamente, acenava as syllabas. E tinha um riso na bocca, e grossa, que lhe fazia tremor, sobre a barriga enorme, a enorme corrente de ouro. Aparente-se tambem a mulher — uma mulata, e dois filhos.

De repente, o brasileiro lembrou-se do que quer que fosse, procurou em roda e viu ao pé da Annalhas:

— O «rapazello» venham voçós ver este peizão!

Mas já todos corriam para uma carruagem de primeira, donde saíra um homem cheio, tostado do sol, de bigode e moscos em que reluziam brancas, labios grossos, roupa clara... Era elle: era elle, não havia duvida... viu-se pelo retrato que elle mandara. E foram abraços, beijos, lagrimas e risos. O «brasilero» falava deyager, estratadamente, acenava as syllabas. E tinha um riso na bocca, e grossa, que lhe fazia tremor, sobre a barriga enorme, a enorme corrente de ouro. Aparente-se tambem a mulher — uma mulata, e dois filhos.

De repente, o brasileiro lembrou-se do que quer que fosse, procurou em roda e viu ao pé da Annalhas:

— O «rapazello» venham voçós ver este peizão!

Mas já todos corriam para uma carruagem de primeira, donde saíra um homem cheio, tostado do sol, de bigode e moscos em que reluziam brancas, labios grossos, roupa clara... Era elle: era elle, não havia duvida... viu-se pelo retrato que elle mandara. E foram abraços, beijos, lagrimas e risos. O «brasilero» falava deyager, estratadamente, acenava as syllabas. E tinha um riso na bocca, e grossa, que lhe fazia tremor, sobre a barriga enorme, a enorme corrente de ouro. Aparente-se tambem a mulher — uma mulata, e dois filhos.

De repente, o brasileiro lembrou-se do que quer que fosse, procurou em roda e viu ao pé da Annalhas:

— O «rapazello» venham voçós ver este peizão!

Mas já todos corriam para uma carruagem de primeira, donde saíra um homem cheio, tostado do sol, de bigode e moscos em que reluziam brancas, labios grossos, roupa clara... Era elle: era elle, não havia duvida... viu-se pelo retrato que elle mandara. E foram abraços, beijos, lagrimas e risos. O «brasilero» falava deyager, estratadamente, acenava as syllabas. E tinha um riso na bocca, e grossa, que lhe fazia tremor, sobre a barriga enorme, a enorme corrente de ouro. Aparente-se tambem a mulher — uma mulata, e dois filhos.

De repente, o brasileiro lembrou-se do que quer que fosse, procurou em roda e viu ao pé da Annalhas:

— O «rapazello» venham voçós ver este peizão!

Mas já todos corriam para uma carruagem de primeira, donde saíra um homem cheio, tostado do sol, de bigode e moscos em que reluziam brancas, labios grossos, roupa clara... Era elle: era elle, não havia duvida... viu-se pelo retrato que elle mandara. E foram abraços, beijos, lagrimas e risos. O «brasilero» falava deyager, estratadamente, acenava as syllabas. E tinha um riso na bocca, e grossa, que lhe fazia tremor, sobre a barriga enorme, a enorme corrente de ouro. Aparente-se tambem a mulher — uma mulata, e dois filhos.

De repente, o brasileiro lembrou-se do que quer que fosse, procurou em roda e viu ao pé da Annalhas:

— O «rapazello» venham voçós ver este peizão!

Mas já todos corriam para uma carruagem de primeira, donde saíra um homem cheio, tostado do sol, de bigode e moscos em que reluziam brancas, labios grossos, roupa clara... Era elle: era elle, não havia duvida... viu-se pelo retrato que elle mandara. E foram abraços, beijos, lagrimas e risos. O «brasilero» falava deyager, estratadamente, acenava as syllabas. E tinha um riso na bocca, e grossa, que lhe fazia tremor, sobre a barriga enorme, a enorme corrente de ouro. Aparente-se tambem a mulher — uma mulata, e dois filhos.

De repente, o brasileiro lembrou-se do que quer que fosse, procurou em roda e viu ao pé da Annalhas:

— O «rapazello» venham voçós ver este peizão!

Mas já todos corriam para uma carruagem de primeira, donde saíra um homem cheio, tostado do sol, de bigode e moscos em que reluziam brancas, labios grossos, roupa clara... Era elle: era elle, não havia duvida... viu-se pelo retrato que elle mandara. E foram abraços, beijos, lagrimas e risos. O «brasilero» falava deyager, estratadamente, acenava as syllabas. E tinha um riso na bocca, e grossa, que lhe fazia tremor, sobre a barriga enorme, a enorme corrente de ouro. Aparente-se tambem a mulher — uma mulata, e dois filhos.

De repente, o brasileiro lembrou-se do que quer que fosse, procurou em roda e viu ao pé da Annalhas:

— O «rapazello» venham voçós ver este peizão!

Mas já todos corriam para uma carruagem de primeira, donde saíra um homem cheio, tostado do sol, de bigode e moscos em que reluziam brancas, labios grossos, roupa clara... Era elle: era elle, não havia duvida... viu-se pelo retrato que elle mandara. E foram abraços, beijos, lagrimas e risos. O «brasilero» falava deyager, estratadamente, acenava as syllabas. E tinha um riso na bocca, e grossa, que lhe fazia tremor, sobre a barriga enorme, a enorme corrente de ouro. Aparente-se tambem a mulher — uma mulata, e dois filhos.

De repente, o brasileiro lembrou-se do que quer que fosse, procurou em roda e viu ao pé da Annalhas:

— O «rapazello» venham voçós ver este peizão!

Mas já todos corriam para uma carruagem de primeira, donde saíra um homem cheio, tostado do sol, de bigode e moscos em que reluziam brancas, labios grossos, roupa clara... Era elle: era elle, não havia duvida... viu-se pelo retrato que elle mandara. E foram abraços, beijos, lagrimas e risos. O «brasilero» falava deyager, estratadamente, acenava as syllabas. E tinha um riso na bocca, e grossa, que lhe fazia tremor, sobre a barriga enorme, a enorme corrente de ouro. Aparente-se tambem a mulher — uma mulata, e dois filhos.

De repente, o brasileiro lembrou-se do que quer que fosse, procurou em roda e viu ao pé da Annalhas:

— O «rapazello» venham voçós ver este peizão!

Mas já todos corriam para uma carruagem de primeira, donde saíra um homem cheio, tostado do sol, de bigode e moscos em que reluziam brancas, labios grossos, roupa clara... Era elle: era elle, não havia duvida... viu-se pelo retrato que elle mandara. E foram abraços, beijos, lagrimas e risos. O «brasilero» falava deyager, estratadamente, acenava as syllabas. E tinha um riso na bocca, e grossa, que lhe fazia tremor, sobre a barriga enorme, a enorme corrente de ouro. Aparente-se tambem a mulher — uma mulata, e dois filhos.

De repente, o brasileiro lembrou-se do que quer que fosse, procurou em roda e viu ao pé da Annalhas:

— O «rapazello» venham voçós ver este peizão!

Mas já todos corriam para uma carruagem de primeira, donde saíra um homem cheio, tostado do sol, de bigode e moscos em que reluziam brancas, labios grossos, roupa clara... Era elle: era elle, não havia duvida... viu-se pelo retrato que elle mandara. E foram abraços, beijos, lagrimas e risos. O «brasilero» falava deyager, estratadamente, acenava as syllabas. E tinha um riso na bocca, e grossa, que lhe fazia tremor, sobre a barriga enorme, a enorme corrente de ouro. Aparente-se tambem a mulher — uma mulata, e dois filhos.

De repente, o brasileiro lembrou-se do que quer que fosse, procurou em roda e viu ao pé da Annalhas:

— O «rapazello» venham voçós ver este peizão!

Mas já todos corriam para uma carruagem de primeira, donde saíra um homem cheio, tostado do sol, de bigode e moscos em que reluziam brancas, labios grossos, roupa clara... Era elle: era elle, não havia duvida... viu-se pelo retrato que elle mandara. E foram abraços, beijos, lagrimas e risos. O «brasilero» falava deyager, estratadamente, acenava as syllabas. E tinha um riso na bocca, e grossa, que lhe fazia tremor, sobre a barriga enorme, a enorme corrente de ouro. Aparente-se tambem a mulher — uma mulata, e dois filhos.

De repente, o brasileiro lembrou-se do que quer que fosse, procurou em roda e viu ao pé da Annalhas:

— O «rapazello» venham voçós ver este peizão!

Mas já todos corriam para uma carruagem de primeira, donde saíra um homem cheio, tostado do sol, de bigode e moscos em que reluziam brancas, labios grossos, roupa clara... Era elle: era elle, não havia duvida... viu-se pelo retrato que elle mandara. E foram abraços, beijos, lagrimas e risos. O «brasilero» falava deyager, estratadamente, acenava as syllabas. E tinha um riso na bocca, e grossa, que lhe fazia tremor, sobre a barriga enorme, a enorme corrente de ouro. Aparente-se tambem a mulher — uma mulata, e dois filhos.

De repente, o brasileiro lembrou-se do que quer que fosse, procurou em roda e viu ao pé da Annalhas:

— O «rapazello» venham voçós ver este peizão!

Mas já todos corriam para uma carruagem de primeira, donde saíra um homem cheio, tostado do sol, de bigode e moscos em que reluziam brancas, labios grossos, roupa clara... Era elle: era elle, não havia duvida... viu-se pelo retrato que elle mandara. E foram abraços, beijos, lagrimas e risos. O «brasilero» falava deyager, estratadamente, acenava as syllabas. E tinha um riso na bocca, e grossa, que lhe fazia tremor, sobre a barriga enorme, a enorme corrente de ouro. Aparente-se tambem a mulher — uma mulata, e dois filhos.

De repente, o brasileiro lembrou-se do que quer que fosse, procurou em roda e viu ao pé da Annalhas:

— O «rapazello» venham voçós ver este peizão!

Mas já todos corriam para uma carruagem de primeira, donde saíra um homem cheio, tostado do sol, de bigode e moscos em que reluziam brancas, labios grossos, roupa clara... Era elle: era elle, não havia duvida... viu-se pelo retrato que elle mandara. E foram abraços, beijos, lagrimas e risos. O «brasilero» falava deyager, estratadamente, acenava as syllabas. E tinha um riso na bocca, e grossa, que lhe fazia tremor, sobre a barriga enorme, a enorme corrente de ouro. Aparente-se tambem a mulher — uma mulata, e dois filhos.

De repente, o brasileiro lembrou-se do que quer que fosse, procurou em roda e viu ao pé da Annalhas:

— O «rapazello» venham voçós ver este peizão!

Mas já todos corriam para uma carruagem de primeira, donde saíra um homem cheio, tostado do sol, de bigode e moscos em que reluziam brancas, labios grossos, roupa clara... Era elle: era elle, não havia duvida... viu-se pelo retrato que elle mandara. E foram abraços, beijos, lagrimas e risos. O «brasilero» falava deyager, estratadamente, acenava as syllabas. E tinha um riso na bocca, e grossa, que lhe fazia tremor, sobre a barriga enorme, a enorme corrente de ouro. Aparente-se tambem a mulher — uma mulata, e dois filhos.

De repente, o brasileiro lembrou-se do que quer que fosse, procurou em roda e viu ao pé da Annalhas:

— O «rapazello» venham voçós ver este peizão!

Mas já todos corriam para uma carruagem de primeira, donde saíra um homem cheio, tostado do sol, de bigode e moscos em que reluziam brancas, labios grossos, roupa clara... Era elle: era elle, não havia duvida... viu-se pelo retrato que elle mandara. E foram abraços, beijos, lagrimas e risos. O «brasil

logo da janela tinham perguntado: «Quem é?». Disse o nome, sem ver quem lhe falava, e ouviu: «Ola! Vem que quer?». Vai-se a ver, era o diabo do tal pagão.

— Não que elle parece mesmo bruxaria, commentou a tia Rosinha.

Bô o outro filho do Fendão, o Manuel que fora soldado no Porto, no 18, onde «amargara» dois annos no meio de sargentos brutos que o esbofetavam, só esse que dizia aos seus superiores: «já visto muito pagão aqui, na cidade, na rua do Alameda, perto do quartel, ali havia um que fazia «pasta» e ria de quem olhava para tráz».

Mas havia apenas tres dias que chegara o brasileiro, na aldeia se falava no pagão quando este, conseguindo desprender-se, teve a extraordinária osadia de voar para o pinhal, indo pensar no ramo de pinheiro, mesmo por cima do caminho.

Cahia um sol ardente. E o dia, um dia sereno, sem uma aragem a agitar as folhas, era de uma claridade triumphal. Do fundo do valle subia o ruído cantante de aguas sobre seixos.

O Zé da Quinta rogava-se a feiz. Yaraçou o homem, jaqueta dependurada do marmeleiro, caminhava alegremente, a associar, espiava, de casa no ar, as rolas que atravessavam o pinhal, e fazia tilintar, de vez em quando, as moedas da bolsa. Demorava-se, sim, mas o negociante não se abatia. De subito, porém, no galho torcido dum pinheiro bravo, estava um passaro exultante, que elle nunca vira, de bico torto, com o rancido em penna de cores brilhantes. Sobrevoando a plumagem lúmina verde, amarela, amarela. Nunca na sua vida... E sorria: «tudo boz noticiu» e um bocado «passaro». Decididamente o estava com sorte.

Tinha a mão certa. Por o caco do chão, apunhou uma pedra, roçou o pé direito, puxou o braço atrás e o projectil sibilo. O estranho «passaro» veio a passar bem perto e permaneceu impassível. De subito, porém, no galho torcido dum pinheiro bravo, estava um passaro exultante, que elle nunca vira, de bico torto, com o rancido em penna de cores brilhantes. Sobrevoando a plumagem lúmina verde, amarela, amarela. Nunca na sua vida... E sorria: «tudo boz noticiu» e um bocado «passaro». Decididamente o estava com sorte.

— E agora? pensou o Zé, admirado. Fala já que não foges, von lá buscar-te.

Foi trocando manuseio, abrangeo o Zé a árvore. O «passaro» tombara a cabeça para o outro lado e veio a subir. Depois o Zé, quando chegou ao alto do pinhal, viu o «passaro» a fazer as raparigas — como ellas haviam de ficar contentes! — lá a estender o braço, via-se já senhor do bicho. Mas o «passaro» a uma voz racheada e grossa, pronunciou:

«Ola! que é que quer?»

O Zé da Quinta, olhos arregalados, a boca escancarada de espanto, não soube senão levar a mão ao chapéu, respectivamente, e pedir desculpa com um longo ah!

— Ah! Faga'vor do desculpar, meu senhor, que eu cuidei que vossemecê era um passaro! Zeno Vaz.

Um vigarista fradesco

La Libre Pensée traduz dos Ecos do Caucaso a noticia seguinte:

«Ultimamente, na provincia de Bessarabia (Russia), correu o boato de ter apparecido um propheta. A impressão causada no povo foi grande, e só se falava desse apparecimento. O propheta ia de aldeia em aldeia, batendo uma cruz de pau, entrava em todas as casas, aspergia de agua os habitantes, chamava-os a penitencia e clamava:

— Raça de voboras! Arrependei-vos, porque em breve virá a noite e a gehenna de fogo vos varrerá da terra! Não fumeis tabaco, desprezei as mulheres, não comam carne de porco, pois é amaldiçoada pelo Senhor Sabath e Santo Innokenti.

Na aldeia de Myndrecht o propheta, vendo um rico lavrador vestido com uma bella pellica, acercou-se delle e ordenou-lhe que se ajoelhasse. Tendo borbado o lavrador e proferido uma prece inintelligivel, o monge disse: «Responde! Tu darás?». «Sim». — «Tira então a tua pellica». E a pellica nova passou para os ombros do propheta. Por esta mesma forma, reuniu o frade um monte de objectos e uma forte somma em dinheiro. Em consequencia das suas predicas, ter raparigas, uma velha e um moço enlouqueceram.

Fresco pela policia, o propheta declarou pertencer a um convento de Bessarabia e ter inventado aquella estratagem para arranjar o dinheiro necessario para uma viagem á Terra Santa, visto não ter meios para isso.

Os vigaristas, infelizmente, encontram sempre ignorantes e imbecis que se deixam enganar.

«A Velhice do Padre Eterno»

Temos novamente a venda, a 1\$500 o exemplar, este sempre empolgante livro do extraordinario Guerra Junqueiro.

Glorificando um martyr



Antonio José (o Judeu)

Vai ser erigida uma estatua em Lisboa ao poeta brasileiro Antonio José (o Judeu).

E' a glorificação posthuma de um martyr da intolerancia religiosa. E o preito de admiração a gratidão do povo pela memoria de um dos seus mais dignos de veneração.

O romancista insigne que foi Camillo Castello Branco, encheu as paginas de um precioso livro com a vida da camareta do Santo Officio, perseguido da Inquisição.

Succumbiu Antonio José, ainda em plena juventude, á sanha feroz dos proselytos de Torquemada.

O logo da intolerancia criminosa não poupou o fogo do ta-

lento e o ardor da mocidade. Tudo desapareceu um dia entre os rolos de fumo espesso dos pranchões na praça do Rio.

Mas as maldições pezarão eternamente sobre a execrada memoria dos algozes, enquanto que o martyr da Inquisição recebe da gratidão do povo a eterna consagração do marmore.

Os julgamentos da historia são implacaveis e a justiça do povo cedo ou tarde se faz sentir.

A Junta Liberal tomou a si o encargo de promover a erecção do monumento, para o qual o distincto escultor portuguez Simão de Almeida Sobrinho tem executado uma preciosa maquette.

para levantar uma hypothetica falta de garantias para um moço bello... robusto... cujos olhares desvairados, vindos do pulpito, pagam generosamente... o sacrificio de uma mendicância arruaceira.

Ha um momento de silencio... o homem-Deus está agonizante, e os mercados preparam-se para transmutação das suas dores em almeida, não mostrando-o de feira em feira, como disse o grande Guerra Junqueiro, mas no ex-temple, hoje cathedra... A scena é bonita, um fundo escuro representa o infinito da negra concepção clerical... nos caracteres a verdade admira as fantasias com ostentação e luxo; mas não pensa em Deus... No plano inferior, alguns fanaticos batem no peito sem sabermos porque... e velhas que o tempo esqueceu, homens que não foram á escola, crianças cujos pais não leram a historia, trazem no peito os benfins — marca da fadenda clerical.

Na rua, o canto harmonioso de distincta gente, no papel de Verónica, comidos as almas crentes... ouvem-se notas sentidas arrancadas do fundo da alma innocente, ao lado do victim que, colado por um palio, para no adro da cathedra... está satisfeito por ver que essas notas carentes voltam do céu em fio de ouro para as arcas do thesouro do Deus-anthropofago.

Na praça, um grupo de indifferentes ri de si e de todos... outro, de homages, fala baixinho, com saudades do passado e envergonhado do presente... vê como se viu, na França, os falsos republicanos vendendo a Patria ao clero em nome do innocente Dreyfus; vê o fantasma que assassinou Ferrer; vê a escoria que Portugal jogou fora-fronteiras; e Nilo Pêgahi... a dignidade do não aceitar, e a ignorancia no Rio Grande do Sul — a ingenuidade de lhe entregar o Estado.

Agora, enquanto se caracterizam os principais actores, passa-se um preenchimento de scena: Um grupo silêncio de detras dos bastidores trajando casaca, mascata e barrete phrygie, segue uma rua e estaca diante do grande edificio da Capela da Caridade, onde está no frontispicio, em alto relevo, a corôa da monarchia, como emblema de uma esperança futura, que se aninha na alma do clero e dos apparentes republicanos! O dedão da interrogação popular aponta o emblema: mas um padre puxa os compassos, e a alma da caridade, guiza de corda de sino, e elles entoa o cantochão ensaiado — Tolerancia... Tolerancia... Tolerancia.

Acto final e apothose.

A mis-en-scene é deslumbrante; mas o quadro é triste... Desce o processo um vulto que foi o bicho nesta terra, estimado pelo povo, elevado pela população, que não bajula, á posição nobre de um chefe em quem todos continuam... é triste dizel-o: vem diante desse mesmo povo mostrar o que durante tantos annos occultou, vem mostrar-se amando, quando aos pés de um bispo, para urrer a indifferença, o silencio, o desprezo que merecem os jesuitas de casaca! Este mesmo personagem que

sempre recebeu a continencia amiga, em toda parte, e um sorriso sincero de todos os correligionarios, e recebido pela justiciera massa popular, que não se digna tocar no chapéu... Agora um galfi de guarda-sol se exhibe no ridiculo e os dentistas da terra viram um collega fazendo um trabalho á chineza, que muito deve honrar a classe...

Vê-se tambem um sr... que ha poucos dias illustrado o mundo debaixo da capa de republicano, consegue um logar no senado, e está fazendo de compra a deitar esgaras para descobrir no meio do povo livre os que apupavam os mãos actores da comedia, sem lembrar-se que esses apupados, por estarem todos os que lhe tinham dado a esmola de um voto, para ir dizer amen aos discursos dos republicanos verdadeiros, e, supposto vê que o sr. eleito é tambem um jesuita de casaca.

Oh! Bispo... tu, que tiveste a infelicidade de ser o portador da harmonia, para a familia politicos, tens o meu voto de louvor, por trazes tambem a luz que nos deixou ver travar a guerra dos clero e da imprensa, o sr. eleito é tambem um jesuita de casaca.

Oh! Bispo... tu, que tiveste a infelicidade de ser o portador da harmonia, para a familia politicos, tens o meu voto de louvor, por trazes tambem a luz que nos deixou ver travar a guerra dos clero e da imprensa, o sr. eleito é tambem um jesuita de casaca.

Fugi um mar oitavo o appare de um espectador intelligente; mas... voltamos ao assumpto: Um galfi, trazendo de longe o contraseno com outro vestido de bispo, um tem o papel de cynico, o outro de ingenuo, os outros estão bem ensaiados, mas, o primeiro... o galfi que o sr. eleito é tambem um jesuita de casaca.

Oh! Bispo... tu, que tiveste a infelicidade de ser o portador da harmonia, para a familia politicos, tens o meu voto de louvor, por trazes tambem a luz que nos deixou ver travar a guerra dos clero e da imprensa, o sr. eleito é tambem um jesuita de casaca.

Oh! Bispo... tu, que tiveste a infelicidade de ser o portador da harmonia, para a familia politicos, tens o meu voto de louvor, por trazes tambem a luz que nos deixou ver travar a guerra dos clero e da imprensa, o sr. eleito é tambem um jesuita de casaca.

Oh! Bispo... tu, que tiveste a infelicidade de ser o portador da harmonia, para a familia politicos, tens o meu voto de louvor, por trazes tambem a luz que nos deixou ver travar a guerra dos clero e da imprensa, o sr. eleito é tambem um jesuita de casaca.

Oh! Bispo... tu, que tiveste a infelicidade de ser o portador da harmonia, para a familia politicos, tens o meu voto de louvor, por trazes tambem a luz que nos deixou ver travar a guerra dos clero e da imprensa, o sr. eleito é tambem um jesuita de casaca.

Oh! Bispo... tu, que tiveste a infelicidade de ser o portador da harmonia, para a familia politicos, tens o meu voto de louvor, por trazes tambem a luz que nos deixou ver travar a guerra dos clero e da imprensa, o sr. eleito é tambem um jesuita de casaca.

Oh! Bispo... tu, que tiveste a infelicidade de ser o portador da harmonia, para a familia politicos, tens o meu voto de louvor, por trazes tambem a luz que nos deixou ver travar a guerra dos clero e da imprensa, o sr. eleito é tambem um jesuita de casaca.

Oh! Bispo... tu, que tiveste a infelicidade de ser o portador da harmonia, para a familia politicos, tens o meu voto de louvor, por trazes tambem a luz que nos deixou ver travar a guerra dos clero e da imprensa, o sr. eleito é tambem um jesuita de casaca.

Oh! Bispo... tu, que tiveste a infelicidade de ser o portador da harmonia, para a familia politicos, tens o meu voto de louvor, por trazes tambem a luz que nos deixou ver travar a guerra dos clero e da imprensa, o sr. eleito é tambem um jesuita de casaca.

Oh! Bispo... tu, que tiveste a infelicidade de ser o portador da harmonia, para a familia politicos, tens o meu voto de louvor, por trazes tambem a luz que nos deixou ver travar a guerra dos clero e da imprensa, o sr. eleito é tambem um jesuita de casaca.

Oh! Bispo... tu, que tiveste a infelicidade de ser o portador da harmonia, para a familia politicos, tens o meu voto de louvor, por trazes tambem a luz que nos deixou ver travar a guerra dos clero e da imprensa, o sr. eleito é tambem um jesuita de casaca.

Oh! Bispo... tu, que tiveste a infelicidade de ser o portador da harmonia, para a familia politicos, tens o meu voto de louvor, por trazes tambem a luz que nos deixou ver travar a guerra dos clero e da imprensa, o sr. eleito é tambem um jesuita de casaca.

Oh! Bispo... tu, que tiveste a infelicidade de ser o portador da harmonia, para a familia politicos, tens o meu voto de louvor, por trazes tambem a luz que nos deixou ver travar a guerra dos clero e da imprensa, o sr. eleito é tambem um jesuita de casaca.

Oh! Bispo... tu, que tiveste a infelicidade de ser o portador da harmonia, para a familia politicos, tens o meu voto de louvor, por trazes tambem a luz que nos deixou ver travar a guerra dos clero e da imprensa, o sr. eleito é tambem um jesuita de casaca.

Oh! Bispo... tu, que tiveste a infelicidade de ser o portador da harmonia, para a familia politicos, tens o meu voto de louvor, por trazes tambem a luz que nos deixou ver travar a guerra dos clero e da imprensa, o sr. eleito é tambem um jesuita de casaca.

Oh! Bispo... tu, que tiveste a infelicidade de ser o portador da harmonia, para a familia politicos, tens o meu voto de louvor, por trazes tambem a luz que nos deixou ver travar a guerra dos clero e da imprensa, o sr. eleito é tambem um jesuita de casaca.

Oh! Bispo... tu, que tiveste a infelicidade de ser o portador da harmonia, para a familia politicos, tens o meu voto de louvor, por trazes tambem a luz que nos deixou ver travar a guerra dos clero e da imprensa, o sr. eleito é tambem um jesuita de casaca.

Oh! Bispo... tu, que tiveste a infelicidade de ser o portador da harmonia, para a familia politicos, tens o meu voto de louvor, por trazes tambem a luz que nos deixou ver travar a guerra dos clero e da imprensa, o sr. eleito é tambem um jesuita de casaca.

Oh! Bispo... tu, que tiveste a infelicidade de ser o portador da harmonia, para a familia politicos, tens o meu voto de louvor, por trazes tambem a luz que nos deixou ver travar a guerra dos clero e da imprensa, o sr. eleito é tambem um jesuita de casaca.

Oh! Bispo... tu, que tiveste a infelicidade de ser o portador da harmonia, para a familia politicos, tens o meu voto de louvor, por trazes tambem a luz que nos deixou ver travar a guerra dos clero e da imprensa, o sr. eleito é tambem um jesuita de casaca.

Oh! Bispo... tu, que tiveste a infelicidade de ser o portador da harmonia, para a familia politicos, tens o meu voto de louvor, por trazes tambem a luz que nos deixou ver travar a guerra dos clero e da imprensa, o sr. eleito é tambem um jesuita de casaca.

Oh! Bispo... tu, que tiveste a infelicidade de ser o portador da harmonia, para a familia politicos, tens o meu voto de louvor, por trazes tambem a luz que nos deixou ver travar a guerra dos clero e da imprensa, o sr. eleito é tambem um jesuita de casaca.

Oh! Bispo... tu, que tiveste a infelicidade de ser o portador da harmonia, para a familia politicos, tens o meu voto de louvor, por trazes tambem a luz que nos deixou ver travar a guerra dos clero e da imprensa, o sr. eleito é tambem um jesuita de casaca.

Oh! Bispo... tu, que tiveste a infelicidade de ser o portador da harmonia, para a familia politicos, tens o meu voto de louvor, por trazes tambem a luz que nos deixou ver travar a guerra dos clero e da imprensa, o sr. eleito é tambem um jesuita de casaca.

Oh! Bispo... tu, que tiveste a infelicidade de ser o portador da harmonia, para a familia politicos, tens o meu voto de louvor, por trazes tambem a luz que nos deixou ver travar a guerra dos clero e da imprensa, o sr. eleito é tambem um jesuita de casaca.



Em quanto corre a semana santa...

A grande guerra do carvão: o seu lento fim na Inglaterra e o seu inicio nos Estados Unidos — Começa um periodo agitado de greves — A prolongada greve dos chauffeurs de Paris: incidentes tragicos — Fumerais imponentes de um grevista assassinado — O momento em França: a onda nacionalista — Provocações militaristas — Como se aquece o patriotismo ignaro e vazio — Uma provavel batalha proxima.

LISBOA, 6 DE ABRIL.

Em quanto esta velha Lisboa sceptica se diverte com as ameaças e folares, com as raparigas que passam a visitar as igrejas enfeitadas e a provocar olhares cubicos e sensuais, com as exterioridades pagas do culto decadente e com o que este ainda possa mostrar de grato aos sentidos, sem contudo ter grande mente interrompido a faina de cada dia, passemos em rapida revista alguns episodios da questão social, a maior de todas e a que de todos foras as atencões.

A grande guerra da hulha, que teve breves manifestações em França e na Alemanha, onde em todo caso o esforço operario não se perdeu inteiramente, vai terminando com certa lentidão na Inglaterra, porque a concessão legal vivamente arrancada com a luta, nem sempre pacifica, não satisfaz nem tranquila uma grande número de grevistas. E nos que voltam ao trabalho não opera por certo como principal motivo o contentamento por uma vitória obtida, mas antes a fadiga resultante da resistencia sustentada.

Mas ao mesmo tempo que a grande guerra cessa no vasto campo de batalha industrial que é a velha Albion, com a promessa, porém, de duradouras repercussões, eis que novo conflito mineiro estala do outro lado do Atlantico, como aliás estava anunciado. No primeiro do corrente, 700 mil operarios das minas de antracite e de carvão betuminoso dos Estados Unidos iniciavam a greve, não tendo chegado a accordo com os proprietarios sobre o aumento de salario que reclamavam: 5 e 10 %, respectivamente. E em quanto por um lado se confiava numa pronta solução, por outro esperava-se um alargamento da greve.

No grande país industrial norteamericano, parece iniciar-se um periodo de viva agitação grevista. Em Chicago, por exemplo, quinze mil carpinteiros e marceneiros abandonaram as officinas. Preparase, em todo o país, uma importante greve dos maquinistas ferroviarios, e os marinheiros pensam em lançar mão da mesma arma.

Reatravessando o Atlantico, encontramos em França uma interessante greve, cheia de incidentes: a dos chauffeurs de automóveis contra um poderoso «Consortium» de Companhias. Estas, com o descarado auxilio da policia, passando por cima da lei e das formalidades legais exigidas aos chauffeurs regulares, conseguiram recrutar um pessoal de occassão, quasi todo de sujeitos de má nota. Nas ruas succedem-se os desastres, os atropelamentos, os conflitos, e o publico em geral mostra-se sympathico aos grevistas, que podem manter tam prolongada resistencia.

E' talvez esta resistencia que, irritando as Companhias e a policia, leva estas ás provocações e aos incitamentos á violencia.

Os «amarelos» (é assim que os operarios franceses designam os fura-greves, os traidores á classe trabalhadora que substituem os grevistas ou não aderem á greve) foram armados e encorajados; e de modo, sentindo-se protegidos, começaram a mostrar-se provocadores e aggressivos. A tragédia temida succedeu. Em Levallois-Perret, suburbio parisiense, onde o Consortium tem instalações, alguns amarelos, sem mais nem menos, dispararam sobre um grupo de grevistas, e um destes, Bédhomme, caiu morto. Naturalmente, a impressão produzida no mundo operario foi enorme; e os funerais do assas-

sinado, apesar de ter a policia sequestrado o cadaver durante a parte mais populosa do percurso, foi uma imponentissima manifestação de protesto — 25 mil trabalhadores e revolucionarios longe do centro e em dia de trabalho!

O momento em França é realmente de ardor. Porque não são apenas os revolucionarios que se agitam: são tambem os retrógrados, os rialistas, os bonapartistas, os nacionalistas e militaristas de todos os matizes. Todos esses elementos, essas escórias do passado, procuram reconquistar a rua e a opinião, perdidas desde a questão Dreyfus.

O actual ministro da guerra, Millerand, antiquamente socialista, de agua doce, favorece, conscientemente ou inconscientemente, os planos destas ordas já desenfreadas, com as suas apparatus revistas militares e as suas pomposas revistas com musica (toques de recolher) todos os sabados.

Uma dessas revistas, cujo titulario só foi publicado á ultima hora, com o evidente proposito de o tornar ignorado pelos operarios, desfilou provocamente, ha oito dias, em frente da Bolsa de Trabalho, para cujas janelas os manifestantes militaristas, rodeados de policia protectora, ergueram as suas bengalas e os seus punhos cerrados e clamaram os seus vivas e morras.

Foi um desafio. E os operarios sindicados assim o entenderam e acceitaram, prometendo dar a resposta oportunamente. A finança, com a grande imprensa a seu serviço, deu a opinião que o operariado consistia de fa militarista e á guerra — males cujo peso elle sofferia exclusivamente, para honra e proveito da oligarquia dominante — a finança, digo, procura aquecer os entusiasmos irreflectidos do patriotismo guerreiro, para opportunamente os aproveitar. O romance, o jornal, o teatro, as revistas, as revistas literas, os aeroplanos de guerra (burla espantosa em que se empunham os industriais da aviação), as revistas, tudo trabalha para o mesmo fim.

Os operarios conscientes compreendem a manobra e o perigo e preparam-se para o combater. E' pois provavel que vejamos brevemente renovada em França uma batalha como a do caso Dreyfus, travada talvez em volta do nome do soldado Roussot ou a proposito de qualquer outro ensejo.

Neno Vasco.

Capital e trabalho

Fabricas e officinas

Todos nós, trabalhando, não temos só um fim em vista. Ningum que nos entregue a labor, e uma tarefa qualquer, remunerado, fa-lo com o escopo unico de manter-se a si e a sua familia. Todos buscamos mais: um relativo bem estar, uma maior facilidade na acquisição dos meios que julgar constituirem a sua relativa felicidade, consoante, naturalmente, os conhecimentos e facilidades de cada um. Sômente os irracionais vivem unica e exclusivamente para comer. O homem, — o ser por excellencia, não encontra a sua meta em coisa tão mesquinha; elle, sempre e sempre, almeja um futuro melhor do que o presente, para si ou para seus filhos, sua familia. E muito nobre, muito dignificante é, sem duvida, esse desejo, essa esperança de melhoria, e o progresso consiste em não conservar-se estacionario.

O que se nota, entretanto, neste particular, com os operarios das fabricas e das officinas? Enquanto os officias de outros mestres, com o seu trabalho honesto e pertinaz, a pouco a pouco, conseguem melhorar a sua situação, elles, os infelizes, desgraçados operarios, anno após anno, são sempre os mesmos. Naturalmente, a impressão produzida no mundo operario foi enorme; e os funerais do assas-

Numeros atrasados

Disposmos de alguns pacotes de numeros atrasados da LANTERNA para serem distribuidos gratuitamente.

Elles, os que trabalham em labores exaustivos; elles que, encurralados em estreitos e deficientes espaços, às centenas, sem ar suficiente, sem luz, sem os necessários meios de hygiene e prophylaxia, exgotam as suas forças, dia por dia, em trabalhos rudes e grosseiros e, por vezes, no meio de drogas venenosas em um ambiente mephitico pelas emanacoes nocivas de gases venenosos, entre as engrenagens e transmissões mortíferas das modernas possantes machinas, em risco mil e mil vezes da propria vida; elles, os párias, os desherdados da sorte, elles nada passam, nada são e nada valem!... Escameo cruel de uma sorte atroz! Irrido extranha de um destino mais duro que o granto!

Esteio primordial da industria, do commercio, da civilização emfim, é comtudo o operario o ultimo dos seres mais abjectos, o individuo mais repelle e desprezível que cobre o sol!

Elle, a mola poderosissima que movimenta todo o orbe, sem a qual voltaríamos ás eras obscuras do troglodyto, elle, nada mais mais merecia do que uma cõdena dura de pão, que tambem não se nega ao mais sarnoso dos cães e, além disso, condiminada com o mais affrontoso e sanguinolento desprezo!...

Elle, que devesse ser incluído entre os beneficentores da humanidade, é o derradeiro na escala zoologica racional!

E isso porque a ganancia sordida dos exploradores desse infeliz se esqueceu de que este é tão bom como aquelle e que o explorador em nada, mas absolutamente em nada, é superior ao explorado, estando mesmo o mais das vezes abaixo delle em sentimentos nobres e generosos.

CONTRA A CARESTIA DA VIDA

Ao povo de S. Paulo

Povo! Cidadãos!

Como já teréis constatado, a vida nesta cidade torna-se cada vez mais cara, devido à insaciável avidez dos parasitas que açambarcam todos os viverses e as habitações desta resignada S. Paulo.

Quando é que nesta capital os generos alimenticios e os alugueis de casas chegaram a preços tão exorbitantes?

Em 23 annos de Republica, lembramos-nos que só uma vez — em 1897 — os viverses e alugueis de casa chegaram quasi aos desumamos preços de hoje, mas nessa época esse phenomeno era em parte explicavel por causa das revoluções intestinas que assolavam diversos Estados da Republica.

Mas hoje, onde está a razão de ser dessa anomalia carestica? Será uma razão de Estado? Não. O Estado encontra-se em muito floridas condições, segundo as proprias declarações dos governantes.

Qual então a razão de encarecerem os alugueis e os generos alimenticios a preços insuportaveis, enquanto o preço da mão de obra permanece estacionaria? Talvez pelos impostos municipaes? Forém, sabe-se que esses impostos foram augmentados na razão de um por cento ao anno, e os senhores augmentaram o aluguel até de cincoenta por cento ao mez!!!

Qual a razão de tambem augmentar nessa mesma proporção os generos alimenticios? Será por falta de café, por não o cultivarmos mais? Por falta de feijão tal? Será porque os arroz e outros generos são importados e pagos mais caros devido a não serem cultivados sufficientemente no nosso paiz?

Porque augmentaram de cento por cento o preço do assucar?!!

Este é um anormal estado de coisas, criado por uma sucia de vulgaros usurpadores, que especulam vergonhosamente sobre o sangue do povo, que não tem nem casas, nem terras! A culpa desta afflicta situação cabe a todos os grandes usurarios de S. Paulo, que nos querem espoliar e collocar-nos na dura contingencia de agir!

Cidadãos! Trabalhadores! Não permitamos que esses desumanos usurpadores privem os nossos filhos do necessario bocado de pão e da indispensavel habitação!

Se agora aqui em S. Paulo a vida nos custa 50 por cento mais cara, como devemos resolver este problema? Apertar mais a já apertada cintura dos nossos filhos e a nossa... na proporção de 50 por cento, para engordar mais os parasitas proprietarios de casas e dos usurarios de fructos!

Isso não pode nem deve continuar! Ficaria comprometida a nossa existencia e a dos nossos filhos!

Devemos-nos agitar e agir!... Nós devemos e podemos reagir contra essa ladrocia escandalosamente illegal. É necessario que também as autoridades competentes intervenham para pôr um dique a essa pirataria em detrimento dos trabalhadores e de todo o povo! E isso só conseguiremos quando fizermos setir o nosso vehemente protesto.

Cidadãos! Trabalhadores! Pelo commum interesse, sois convidados a tomar parte na grande reunião que se realizará no domingo, 5 de maio, ás 9 horas da manhã, no Salão Celso Garcia, á rua do Carmo, 39.

S. Paulo, 30 de abril de 1912.
O Comité de Agitação Contra a Carestia da Vida.

1.º de Maio

Em S. Paulo a comemoração do 1.º de Maio teve um brilhantismo pouco commum.

Foi uma jornada de larga e fecunda propaganda que, tudo faz esperar, trará resultados praticos e duradouros para o movimento operario deste Estado.

Do que nesse dia se fez em S. Paulo, podemos dar apenas um palido resumo.

Na noite de 30 para 1.º realizou-se a annunciada velada de propaganda, que teve uma grande concorrencia.

Foi representada com agrado a peça em um acto *Don Pietro Curuso* e uma farsa em um acto. Não se encontrando em S. Paulo o companheiro encarregado de fazer uma conferencia, substituiu-o Edgard Leuenroth, pronunciando breves palavras sobre a agitação contra a carestia da vida e convidando os assistentes a tomar parte na comemoração de 1.º de Maio.

A paralização do trabalho nesse dia foi muito maior do que ha annos passados, notando-se por toda a cidade grande movimento de operarios.

As 8 horas da manhã partiu o operariado do bairro da Mooca, precedido das bandeiras do C. de E. S. Francisco Ferrer e do C. S. Internacional e de uma banda de musica, para o largo da Concordia, onde teve lugar o comicio promovido por essas agremiações.

Como era de esperar num bairro essencialmente operario como o Braz, este meeting teve uma concorrencia enorme, que applaudiu com enthusiasmo os diversos oradores que ali falaram.

O comicio do Salão Celso Garcia então teve uma rara importancia. Antes mesmo da hora marcada, no salão já se abrigava uma grande concorrencia, que foi se avolumando sempre mais até a chegada dos associados da União dos Canheiros que, tendo-se reunido na rua da Consolação, vieram incorporados, percorrendo o triangulo central precedidos de uma bandeira e de uma banda de musica. A sua chegada falou um operario da sacada do salão convidando o povo a entrar.

As 9 e 12 teve inicio a gran-

de reunião, falando por encargo da União dos Canheiros o companheiro Edgard Leuenroth. A seguir falaram muitos oradores em nome das sociedades representadas, das quaes nos escapam agora os nomes.

Quasi ás 11 horas, foi a attenção da colossal assembleia attirada pelo *Hymno dos Trabalhadores* cantado na rua por centenas de vozes. Era a columna do Braz que acabava de chegar. Impossivel seria descrever o entusiasmo desse momento em que os vivos confundiam-se com as notas empolgantes do hymno rebelde.

O vasto salão da rua do Carmo apresentava nessa occasião um aspecto imponente. Uma boa parte da assistencia teve de se acomodar pelos corredores, fora os que não puderam entrar.

Falaram ainda diversos oradores e duas operarias, que levaram aquella reunião o brado de protesto das suas companheiras de sofrimentos.

Como poderíamos nós resumir tudo o que disseram os oradores no limitado espaço de que dispomos?

Todos os operarios que usaram da palavra foram concordes em attribuir ao 1.º de Maio o seu caracter de protesto e de reivindicação. Foram todos unanimes tambem em constatar a necessidade da união da classe operaria em associações destinadas a defender os seus direitos economicos e moraes.

Pelo meio-dia Edgard Leuenroth tomou novamente a palavra para, em nome da União dos Canheiros, dar por encerrado o comicio. Esse companheiro aproveitou então a occasião para se occupar da agitação contra a carestia da vida, convidando o povo a tomar nella parte activa, pois é ao povo que cabe a defesa dos seus interesses. Terminou convidando os presentes a tomar parte no comicio das 7 e 12 da noite do largo de S. Francisco.

E, cantando em coro a *Internacional*, o povo saiu para a rua, formando-se em uma compacta columna, que percorreu o triangulo central e dissolveu-se na rua da Consolação.

O comicio do largo de S. Francisco, que promettia ter uma concorrencia extraordinaria a se aviar pelo enthusiasmo reinante,

fui prejudicado pela chuva que começou a cair logo á tarde. Mesmo assim, a União dos Pedreiros e Serventes reuniu-se no Bejiga, de onde veio para o largo de S. Francisco.

Apesar da chuva torrencial com que o Padre Eterno protestava contra a nossa heresia... falaram alguns operarios, seguindo depois a commissão dos pedreiros com a sua bandeira pelo centro da cidade.

Foi, como se vê, um proveito do dia de propaganda, que certamente dará resultados praticos para o movimento operario, como podemos verificar por esta moção apresentada por Edgard Leuenroth no Salão Celso Garcia e approvada de uma entusiastica acclamação:

«Os operarios de S. Paulo, reunidos em grande comicio no Salão Celso Garcia para comemorar a data de 1.º de Maio, deccididos mais do que nunca a proseguir na luta pela reivindicção dos seus direitos de dia para dia em crescente menospres por parte dos dominadores da sociedade capitalista e, conscientes do valor da solidariedade nessa mesma luta, affirmam o seu deccidido proposito de iniciar com a reunião de hoje um activo e constante trabalho de organização dos syndicatos das diversas categorias de operarios de S. Paulo, sem o que os seus esforços se tornariam nulos pela falta de uma acção conjuncta das innumeras energias dispersas.»

Fui certa vez, por mera curiosidade, assistir a uma das chamadas festas religiosas, inventadas e instituidas pela sequiosa clericalidade.

Era então, como soube depois, occasião da festa consagrada a um tal Divino Espirito Santo, cuja personalidade religiosa e cujos humanitarios feitos historicos absolutamente desconheço, talvez por ser bastante ignorante em materia de religião catolica, pois só sei que esse festejado «espirito» foi um aguiá que pinotou o diabo a quatro para conseguir subir ao céu, cuja porta lhe foi aberta por vir elle disfarçado em uma purissima pomba.

Logo depois que entrei na igreja, senti-me mal, não só por causa do ar viciado, do aperto e da desordem como tambem por causa do injustificavel e vergonhoso apparato carnavalesco que havia dentro de uma casa intitulada igreja christã.

Perebi por cima das innumeras cabeças dos fiéis uma porção de bandeirolas coloridas, varios estandartes grotescos e alguns bonnetes ou luagens grimaldos em algumas epinias ou andores tão enfeitados que eram ridiculos.

Lembrei-me então de alguns bonecos que vi nos museus europeus e que muito se assemelhavam com os que via em um templo christão.

Estava examinando as paredes e os altares quando recebi pelas costas um colossal tranco que me atirou em cima de varias pessoas; o choque foi tão forte que, apesar de ser sportman apreciador do «foot-ball», quasi caí.

Depois de recuperar o equilibrio continuei o meu minucioso exame; de cada imagem que eu via perguntava a uma pessoa ao lado o nome, e assim fiquei sabendo o de muitos.

Um bonco vestido de frague e encartolado, grimpado em um andar, era S. Roque.

Uma imagem adamitica vestida de couros e de flechas e terradas no corpo era o bello S. Sebastião.

(Creio bem que foi devido a essa imagem que os astutos indios inventaram os paliteiros de bisquit).

Perguntei logo a um christão qual era a razão daquelle «levantamento» geral.

Respondeu-me que ia ser feita a «inleição» dos festeiros; essa resposta com grande custo ouvi, por causa da algazarra que predominava naquella santo recinto.

No altar principal vi dois padroes cobertos de vestimentas vistosas e espalhafatosas que recebiam de dois «anjões» uns papalinhos que iam lendo.

Com grande custo consegui ouvir uma parte do sorteo e que era uma mina de ouro para os reverendos roupetas.

Um dos padres lis o nome da victima e o outro dizia o que ella tinha de dar ou tinha de ser:

— Sr. Fulano de tal.

E todos os olhares se voltavam para o lado onde estava o Fulano de tal.

— Sr. Simplicio Fagundes.

— Um boi.

E ninguém reagiu contra o insulto.

— Capitão Ambrosio da Cunha.

— Alfere da bandeira.

Tive pena do capitão, que fôra assim rebaixado sem prévio conselho de guerra.

Logo após seguiu-se outro:

— Coronel Zebedeu.

— Tenente da coroa.

— Bento Segismundo.

— Um bezerro.

— Tenente Remoaldo de Jesus.

— Capitão do mastro.

Respirei. Tinha havido uma promoção.

— Sr. Raymond Martins.

— Imperador!!!

Houve um sussurro por toda a igreja e um sujeito fardado de roxo berrou com toda a força de seus pulmões:

— Toca a banda!

Seth Latour.

HISTORIA PORTUGUESA

A extincção do tribunal

do «Santo Officio»

(31 de março de 1821)

A d. Manuel I, que um duplo bamburrio levou inesperadamente ao throno, foi imposto, para que pudesse casar com a viúva do filho de D. João II, victima de um desastre que talvez fosse casual, que expulsasse de Portugal os judeus e

e os catholicos todos os portuguezes. Assim o exigia a corte castelhana, desde seculos obscedida pelo fanatismo religioso. A corte portugueza fanatizou-se tambem, para agradar á rainha. O herdeiro do throno, D. João III, foi desta forma deseducado, pondo-se-lhe o tal Deus e a tal religião catholica, perversa e intolerante, acima de tudo. Ha quem o qualifique de estúpido e máu. Não temos dados para corroborar ou negar essa accusação, que sabemos é, em qualquer caso, bastante basticante, o rapaz, por muito intelligente que porventura fosse, tinha que resentir-se do meio em que nasceu e viveu, e que obsecou por completo.

Foi elle, segundo dizem dados historicos que nos ensinam — que com sacrificio do erario nacional, levou o papa a decretar a criação em Portugal da alçada inquisitorial destinada a acabar com a heresia. Estabeleceram-se, em Portugal e seus domínios, quatro tribunais permanentes, que funcionavam em Lisboa, Evora, Coimbra e Goa, e outras alçadas secundarias, em Thomar, Porto, Lamego, Cabo Verde, Angola, etc., onde tambem se realizaram execuções, dessas em que, sob pretexto de salvar as almas, se lançavam individuos vivos ás chammas, que elles diziam ser o emblema terrestre do fogo eterno. Não mettendo em linha de conta as victimas das alçadas secundarias, a historia apresenta-nos, só para os quatro tribunais permanentes, este sudario horroroso:

Lisboa — Queimados vivos, 355 homens e 231 mulheres; sujeitos a tormentos, 6.005 homens e 4.960 mulheres; mortos nos carceres, 1.706 homens e 556 mulheres. Evora, respectivamente, 234 homens e 200 mulheres; 6.916 e 5.765; 801 e 667. Coimbra: 180 e 215; 6.249 e 7.263; 640 e 720. Goa: 82 e 32. 4.840 e 1.512. 725 e 327. Total de victimas, incluindo queimados vivos, torturados e mortos nas prisões: — 27.735 homens e 22.317 mulheres.

Por esta leve resenha de numeros, que, como dissemos e nunca deixamos repetir, não incluem senão as victimas dos quatro tribunais per-

manentes, se vê o que era esse tribunal maldito, inventado pela mão manobrada da religião catholica, apostolica romana para se desfazer dos que lhe não seguissem á risca os intolerantes preceitos. Durante o periodo de 281 annos de vigencia da Inquisição em Portugal era entregue ás chammas quem, sem bula, comesse carne ás sextas-feiras ou aos sabados, quem não gostasse de carne de porco, quem faltasse a uma missa ou a uma confissão, quem lesse ou não denunciasse que vira ou ouvia ler livros hereticos, e tambem quem, sendo rico, pudesse, pela confissão, augmentar com os seus bens o penúlio do pobre-sinho do Vaticano e dos não menos pobresinhos seus famulos.

O aquarés de Pombal, que, apesar de toda a sua energia, não teve forças para acabar com este tribunal infame, ainda assim conseguiu vibrar-lhe um fundo golpe com o decreto em que lhe limitou consideravelmente a jurisdicção e os poderes. Estava reservada ás Cortes Constituintes que haviam de nascer da revolução de 24 de agosto de 1820 a gloria de lhe dar o golpe de misericórdia. E essa gloria não se esqueceu a grande revolução. Logo nas suas primeiras sessões, o deputado Francisco Simões Margiochi apresentou uma proposta para que fosse abolida esta mancha de sangue e de vergonha que ainda existia na nossa legislação. A proposta de Margiochi teve larga e acalorada discussão.

Augusto José Vieira.

Biblia vermelha

Cada passo da humanidade está manchado de sangue e mostra o esforço e o labor da raça humana. Cada passo é uma esperanca e um sonho, a esperanca e o sonho da liberdade, os mais caros ao coração dos homens.

Clarence S. Darrow.

No tempo em que nós, os japonezes, não tinhamos senão artistas, eramos por nós considerados como selvagens; agora que fazemos a guerra, achamos-nos civilizados!

Motono (embaixador).

Quem discute apresentando autoridades não dá prova de genio, mas antes de boa memoria.

Leonardo de Vinci.

Em Campinas, Jundiahy e Santos

Participamos nos nossos assignantes estas cidades que por toda esta semana terão visitados por um nosso companheiro.

Todos sabem que estas viagens custam-nos grandes despesas, razão pela qual estamos certos que nem um só dos amigos da Lanterna deixará de contribuir com a sua assignatura.

Os que não puderem ser encontrados, terão o favor de deixar em casa a quantia devida.

Aos libertarios do Braz

Todos os libertarios residentes no bairro do Braz são convidados a tomar parte em uma reunião que se realizará amanhã, domingo, ás 3 horas da tarde, no largo da Sé, 5 (sala n.º 5), na qual se tratará de uma iniciativa de propaganda que interessa especialmente os companheiros desse bairro.

Um grupo de companheiros.

A «Lanterna» em Pelotas

Na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, assim como nas localidades circunvizinhas, é agente da nossa folha o sr. José Maria Bento, residente á rua Andrae Neves, 558, e que está autorizado a tratar all de tudo quanto se relaciona com a Lanterna.

BREVIARIO

Livro de versos lyricos de Raymundo Reis, com 127 poesias e 168 paginas. Encontra-se á venda, pelo preço de \$500 o exemplar, em todas as livrarias de S. Paulo e, no Rio, nas livrarias Alves e Magalhães, a \$800 o exemplar.

Vende-se tambem em nossa redacção pelo preço de \$250. Pelo correio, \$300.

Aos nossos assignantes

Afim de nos poupar um grande trabalho, pedimos aos nossos assignantes que transfram de residência, nos comuniquem a primitiva residência,

HORARIO SINGULAR

Numa folha catholica hollandesa (*De Christ-lijke Aftte*) é a entrada dum convento catholico, na Prussia rhena, lê-se o seguinte:

«VIAGEM PARA O CEU

PARTIDA: A qualquer hora do dia.

CHEGADA: Segundo a vontade de Deus.

TRENS DIVERSOS: a) Trem rápido para 1.º pobrez voluntarios; 2.º castidade eterna; 3.º obediencia absoluta. (O rapido é pois reservado aos membros das ordens catholicas que assumiram e cumpriram esses tres compromissos).

b) Trem expressos (só 1.º e 2.º classe) para: 1.º temor do Deus; 2.º exercicios de piedade; 3.º emprêgo frequente dos santos sacramentos.

c) Trem omnibus: 1.º, 2.º e 3.º classe, para 1.º observação dos mandamentos divinos; 2.º cumprimento dos deveres profissionaes e outros.

Tarifa das mercadorias: 1.º classe: caridade e dedicação; 2.º classe: desejo e luta; 3.º classe: temor e emenda.

OBSERVAÇÕES IMPORTANTES: 1.º Não ha trens de recréio. 2.º Não se vendem bilhetes de ida e volta. 3.º Tomam-se passageiros durante todo o percurso. 4.º As pessoas que não queiram perder e trem nas ligações, nem parar muito tempo na penultima estação, sirvam-se enviar de antemão o seu volume de boas obras. 5.º As crianças que não tenham ainda a idade da razão visjam gratis, mas somente indo ao collo de sua mãe, a santa igreja.

E dizer que não se trata duma anecdota inventada, mas duma realidade armada aos tolos e impressa a sério num convento é num jornal pio! Não se sabe o que mais admirar: se a manha do autor, se a simplicidade dos leitores.

Mas ha ainda um ponto instructivo: no trem rapido, achamos o que enche os bolsos de Roma e lhe fornece soldados cegos. Ao passo que a caridade, a dedicação e o cumprimento dos deveres só se encontram no trem omnibus ou nas mercadorias, e ainda ali não estão no primeiro lugar.

Não se vê nisso claramente a incompatibilidade absoluta da moral catholica com a verdadeira moral humana? O que esta ultima colloca em primeiro lugar e considera, com razão, como seu fundamento, põe-na a primeira na rectaguarda.

E' bom ás vezes analysar os empregados pela Igreja para arrebanhar os seus fiéis.

LUX.

O progresso de S. Paulo

III

E' natural que todos os argentinos, não só de S. Paulo mas de todo o mundo, disponham de suas capitais como lhes convier, visto serem donos, senhores e possuidores de seus haveres; é um direito que ninguém lhes pôde contestar; e afinal, nada temos que ver com isso.

Porém consta-nos, não sabemos se é ou não verdade, que o illustre conde papalino que assignou duzentos contos de réis para a construção da nova catedral em projecto, é um dos maiores e mais adiantados industriais da capital paulista, como um dos maiores argentários possuindo, dizem, uma fortuna superior a sessenta mil contos. Se tudo isto é verdade, bom proveito que lhe faça.

Mas se é facto que o illustre conde subditto do rei papa, que subscrevu duzentos contos de réis para a nova catedral é o maior adiantado industrial e o maior capitalista de S. Paulo, nós tomamos a liberdade de lhe perguntar: — Quem foram seus auxiliares que concorreram, em parte ou no todo, para esse rasgo de liberalidade tão pronunciada e franca?

E' de supor, se não certo, que foram seus operarios que com sua boa vontade, com sua dedicação até ao sacrificio, empenhamo da toda sua vitalidade e de uma modesta salario, para elles e suas familias não morrerem de fome, que produziram esse elevada capital de duzentos contos de réis e muito mais, para que o illustre conde, subditto do papado, possede por sua vez assignar tão elevada quantia para a construção de um templo de uma seita religiosa em decadencia pela immoralidade de seus ministros, que provam os factos praticados no Orfanato Christovam Colombo e muitos outros, como tambem pelo luxo do seu culto externo proprio do mais grosseiro paganismo, que será sempre e eternamente a pedra de escandalo perante a moderna civilização, perante a mais modesta razão, em face do mais elementar raciocinio, e em face mesmo dos proprios Evangelhos que diz acatar.

Mas afinal, o illustre conde que foi tão generoso e de uma liberalidade tão franca, abrindo com mãos largas os cordões á bolsa, oferecendo duzentos contos de réis para a construção de um casarão que não poderá trazer a humanidade soffredora utilidade alguma, nem praticar nem theorica, visto que a construção de uma grande catedral archiepiscopal na capital do Estado de S. Paulo, só traduz o mais deploravel luxo, a mais triste vaidade, o mais doloroso desperdicio, onde se fundirão grandes capitais na construção de uma montanha de granito, argilla, calcario, madeiras e ferragens, só com o fim da *mau alta generosidade de agasalhar* ídolos e bonecos que não sentem fome nem sede; não têm frio e nem calor!!!

Entretanto, illustre conde, o que tendes feito em prol de vossos irmãos, os operarios, que sentem fome e sede; que soffrem frio e calor? Nada!!! Simplesmente nada!!!

A triste classe operaria habita casas sem ar, sem luz, sem hygienica, não podendo nessas habitações insalubres, recuperar suas forças gastas em um trabalho continuo em vosso proveito e de muitos maderos que nada fazem em prol da humanidade; até que os pobres operarios chegam a um estado de *marasmus* sem phisico e moral, por sua dedicação ao trabalho, por sua honestidade, por sua elevada boa fé, por sua simples ingenuidade!!!

Assim, illustre conde papalino, como fôtes de uma *ultravass* digno de vossa grande riqueza para com vossas *ideias religiosas*, temos a certeza que teréis tambem um elevado sentimento sociológico, pondo de parte crenças religiosas, para vos collocardes á frente de uma empreza digna de vós mesmo, para a construção de villas operarias, já por vossa iniciativa pessoal, já como um dos maiores accionistas de uma sociedade anonyma para tal fim, vinculando vosso nome a um dos mais elevados melhoramentos em prol da afanosa classe operaria e para a grandessa e progresso deste poderoso e

grande Estado, digna patria dos arrojados bandeirantes.

O nuncio volta a casa: e, como é facil de prever, demonstrou mais vez mais a verdade do adagio "quien ha bebido, beborá... quien ha amado, amará..."

A paixão, que a separação tinha sómente adormecido; revive de novo nos corações de Luciano e Frida e as consequências não tardam a manifestar-se, pois que o joven padre não suporta resistir aos estímulos da carne.

Frida quer redimir a sua falta matando-se. Mas interpe-se monsenhor Anatolio, informado do ocorrido por outro sacerdote; e quando lhe perguntam: Que aconselhas tu nestes casos, aos teus penitentes? o outro responde sem vacilar: "Cassar-se com a mãe e dar um nome á innocente criatura."

E, a seguir, monsenhor Anatolio, com argumentos tirados da Biblia, da natureza humana, da moral e das necessidades sociais, demonstra o absurdo da obrigação de ficarem solteiros os sacerdotes.

Efficazes phrases de monsenhor inspiradas em uma grande logica de humanidade, convenceram, hontem á noite, plenamente, o auditorio, que interrompem as suas afirmações com uma estrondosa salva de palmas.

Mas devemos deduzir desde já que a questão não suscitara opiniões diametralmente opostas? Não importa. Certos problemas não temem ser debatidos; e sempre é conveniente voltar a pô-los em discussão, para ver se apparecem resoluções definitivas.

O sr. Berta tratou a sua these sem luto algum de erudição teologica ou philosophica e disse pela bocca de monsenhor Anatolio, tudo o que um homem simples e honrado puder tirar da sua experiencia e das suas observações sobre as coisas da vida. Graças a tão louval procedimento, não aborrecem nunca o publico. E com effeito os tres actos da comedia passaram alegremente, entre tipos bem delinidos e situações interessantes, sendo o dialogo correto e proprio mesmo nos momentos mais escabrosos, como a conversa entre monsenhor e a vivva... alegre Raymunda.

Araré.

O CASAMENTO DOS PADRES

A respeito do celibato ecclesiastico, cuja abolição não resolveria certamente a questão clerical — ao menos para nós, que consideramos o padre, mesmo casado, como um parasita nocivo e interessado na persistencia da exploração e do embrutecimento de que tira proveitos — achamos interessante reproduzir do *Diario de Noticias*, de Lisboa, numero de 22 de janeiro, a seguinte carta de Roma:

No theatro Argentina — onde actualmente está a companhia dramatica Estavel — estreou-se, hontem á noite, com grande exito uma comedia novissima, em tres actos, de E. A. Berta, intitulada "La Carne".

O autor que apresenta a sua obra uma questão moral e social, a prohibição aos sacerdotes de casar, argumenta não completamente novo e que em Italia, pelo menos está muito longe de ter uma solução definitiva.

Como é de supor, dadas as opiniões liberas professadas pelo sr. Berta, a comedia é partidaria de uma secca prohibição seja abolida; e, para sustentar a sua theza, vale-se de um caso simples e persuasivo.

A acção de todos os tres actos da comedia, passa-se em casa de monsenhor Anatolio, que é o paroco de uma aldeia qualquer, mas é o que se chamam um homem superior e geralmente querido pelo seu bom coração.

Vivem com monsenhor Anatolio sua irmã Clarisse, uma solteirona muito bonita, seu sobrinho Luciano, para quem elle tem sido como um pai muito affectuoso, e uma rapariga — Frida — que ficou orfã sendo ainda criança e que foi caritativamente recolhida, em sua casa, por monsenhor.

Luciano e Frida criaram-se juntos, e, ao alcançarem a idade de realexão, comprehendem que se amam. Mas a tia Clarisse, destinou seu sobrinho para a vida sacerdotal; e Luciano ainda que não tenha por aquelle genero de vida uma verdadeira vocação, deixa-se converter por sua tia, especialmente quando esta lhe deixa comprehender que, fazendo-se padre, salvará a familia, a parochia mesmo, quasi da miseria, causada pelas prodigalidades benfazejas de monsenhor Anatolio, pois que uma velha marquez deixou por testamento a sua consideravel fortuna á igreja, ou melhor, a Luciano, com a condição de que elle se fizesse sacerdote e continue vivendo na diocese de seu tio.

Sem embargo, monsenhor Anatolio, tenta apor-lhe a vida sacerdotal e o mesmo faz a senhora Raymunda, uma formosa viuva... o pouco leviana e talvez peccadora, a qual, para melhor conseguir o seu fim, convidou para sua casa Luciano... e seduz.

Luciano — que não fundou era um mistico — uma vez cometido o peccado, arrepende-se e querendo purificar-se faz a penitencia.

Passam seis annos. Tudo mudou: o caso de monsenhor reina agora o bem estar. Frida fez-se uma linda

rapariga e Clarisse é feliz por ter seu sobrinho padre.

Luciano volta a casa: e, como é facil de prever, demonstrou mais vez mais a verdade do adagio "quien ha bebido, beborá... quien ha amado, amará..."

A paixão, que a separação tinha sómente adormecido; revive de novo nos corações de Luciano e Frida e as consequências não tardam a manifestar-se, pois que o joven padre não suporta resistir aos estímulos da carne.

Frida quer redimir a sua falta matando-se. Mas interpe-se monsenhor Anatolio, informado do ocorrido por outro sacerdote; e quando lhe perguntam: Que aconselhas tu nestes casos, aos teus penitentes? o outro responde sem vacilar: "Cassar-se com a mãe e dar um nome á innocente criatura."

E, a seguir, monsenhor Anatolio, com argumentos tirados da Biblia, da natureza humana, da moral e das necessidades sociais, demonstra o absurdo da obrigação de ficarem solteiros os sacerdotes.

Efficazes phrases de monsenhor inspiradas em uma grande logica de humanidade, convenceram, hontem á noite, plenamente, o auditorio, que interrompem as suas afirmações com uma estrondosa salva de palmas.

Mas devemos deduzir desde já que a questão não suscitara opiniões diametralmente opostas? Não importa. Certos problemas não temem ser debatidos; e sempre é conveniente voltar a pô-los em discussão, para ver se apparecem resoluções definitivas.

O sr. Berta tratou a sua these sem luto algum de erudição teologica ou philosophica e disse pela bocca de monsenhor Anatolio, tudo o que um homem simples e honrado puder tirar da sua experiencia e das suas observações sobre as coisas da vida. Graças a tão louval procedimento, não aborrecem nunca o publico. E com effeito os tres actos da comedia passaram alegremente, entre tipos bem delinidos e situações interessantes, sendo o dialogo correto e proprio mesmo nos momentos mais escabrosos, como a conversa entre monsenhor e a vivva... alegre Raymunda.

Araré.

DECLARAÇÕES DE SOLIDARIEDADE

Liga Antieclerical do Rio de Janeiro — Nós abaixo assignados, reunidos em assembleia na sede da Liga Antieclerical do Rio de Janeiro, levamos aos duvidados combatentes do anticlericalismo Edgard Leuenroth e Oreste Ristori, pela victoriosa ultima obediência, o nosso mais sincero e caloroso cumprimento.

Christovam Colombo, victoria essa que é uma affirmação insuportavel das verdades por elle defendidas, e das camadas, as nossas felicitações mais effusivas e ardentes.

José Rodrigues, Jacob Chaim, Igino Freitas, Manoel Medeiros, F. J. de Oliveira, Manoel Macedo, Manoel Ramos, Joaquim Novais, Luiz de Fraga, Antonio Abrachca da Rocha, Silveiro de Azevedo, Silveiro Gonalves, Manoel Estevao, Antonio R. Magli, Ulisses Martins, Amilcar Boni, Adolpho Busse, Estevo Boni, Manoel Coimbra Flumengo.

Sr. Edgard Leuenroth: Ao ter conhecimento, pelas columnas de vossa heroica jornal, da victoriosa grandiosa que vem corar o vosso denodado e inequibranavel esforço e da vossa allegria mística, qual soe ser este combate infirme e de caracater puramente humano, e que a justiça pode comprehender hoje, os clérigos monstros, victoria essa que se inicia com a vossa desprecunção, eu, de homem no vigor de suas consciencias, de liberdade e de luz, não posso fazer calar os meus sentimentos de alegria e de applauso, quando, no presente momento, toda e qualquer manifestação de solidariedade torna-se indispensavel para o realce do vosso valor.

Para os que ainda creem na Justiça, apesar de seu decadente prestigio, reflexo da prostituição de seus legítimos defensores, hoje mercadores e traficantes em vez de homens de bem e de consciencias, é regozijo grande conhecer a sentença do sr. Adolpho de Mello, filado ainda a seita e ao antigo Ristoni por mais triumpho alcançado na impronuncia do novo processo arranjado pelos satyros do orfanato civil. Dia em dia mais cordas de louro engrandecem a bandeira defendida, em defesa da honra da familia brasileira.

Parabéns! parabéns!

Florianopolis, 17 — 4 — 1912. — Chrysostom Eloy de Medeiros.

Edgard: Felicitico e ao Ristoni pela impronuncia no processo do sr. Oreste Ristori.

Mas uma vez ficarem desmascarados os infames e cabanos rescaivos pelo desapparecimento da infeliz Idalina de Oliveira.

Carlos A. de Lacerda.

Bilhetes e recados

Monte Azul — F. R.: Fizemos a transference do assignado indico, Saudações. Serrinha Pedra — J. F. Silva: Remettei aos pacotes pedidos. E' realmente um bom meio de se estender a propaganda.

Santos — J. Louzada: Começamos logo a enviar o jornal para o novo endereço. Os folhetos devem ser remetidos pelo "Folhetos de Santos".

Canoas — J. O. P. da Cunha: Foi feita a transference de accordo com a sua indico.

Rio — M. V. de Carvalho: Aproveitamos os bilhetes que teve a bondade de enviar-nos. Com manha, procuram elles tirar proveito de todas as situações. E fazem o mesmo por toda a parte. Saudações.

Restinga — A. B.: Recebemos a importancia de sua assignatura annual. Remettei aos pacotes e os folhetos. Saudações. Sorocaba — J. R.: Está muito bom o jornal. E' muito interessante a obra. Consoletos-nos a certeza de um logarinho no Paraíso... Saudações.

Mineiros — U. R.: Agradecemos as informações que nos fornecer. Saudações. Bebedouro — M. de Castro: A remessa tem sido feita com regularidade, seguindo o seu jornal com os demais da Rede. Saudações.

Guanhães — A. A. B.: Recebemos sua carta e a correspondencia. Voltaremos a enviar o jornal de Santos e Corumbas e tambem de Bahia. Estamos abarçados com o narregio de tantos fides verificados por esse mundo em fóra. Mas nada nos escapará. Saudações.

Campinas — E. B. J.: Satisfizemos o seu pedido remetendo um pacote de alguns numeros. Saudações. Rio — M. J. da F.: O jornal tem sido enviado pontualmente ao endereço indico. Remettei os numeros extraviados. Saudações.

Rio — J. de los Santos e Rosa: Ainda não sabemos em quanto ficará cada exemplar. Friburgo — A. P. da C.: Foi um excelente propaganda que perdemos. Registamos a sua contribuição de 150 para a impressão do livro de indicoes Moscoso. Saudações.

S. Paulo — J. M. Bueno: Produziu realmente uma grande propaganda. Mize todos os seus amigos. Registei os seus 25 para o seu livro. Saudações.

BIBLIOTHECA DO APOSTOLADO de La Verdad

Folhetos a 300 réis, fora o porte e registro de Correio.

Primera serie, já publicada: La Lujuria del Clero, segun los concilios. El Diablo, por Roberto Ristoni. Criso en el Vaticano, por Victor Hugo. El Romance Antieclerical, por varios autores (primero tomo). El Pueblo a la Anticlerical, por Pey Ordiz. Historias de la corte celestial, por Narciso Comello.

Monita Secreta de los Jesuitas. A Una Madre, por Ramon Chies. La Democracia y la Iglesia, por Poivin.

Segunda serie, en publicacion: Dios, por Suter y Capdevila. Los Milagros, por Roberto Ristoni. Lo que comen los curas, por Frey Gerardo. Viaje al Inferno, por José Naksen.

La libertad de ensenanza, por Edmundo Gonzales. La Papiza Juana, por Julio F. Mateo. Sonetos Placidios, por varios. Retratos de José Naksen, 1500 réis.

Engenho Stamato

Sem engrangamento para moagem de uma cana salvaguarda para evitarse de desastre. Privilegiado e premiado com diversas medalhas de bronze, prata e ouro. Progressivamente estão no espalhando por este vasto país; já foram adquiridos por mais de 1.000 fazendeiros que attestam a utilidade desta importante machina. Inventor e fabricante.

RAPHAEL STAMATO

Filial, Rua da Alameda, 194 — Rio de Janeiro.

Fundição e Mechanica, Avenida Martin Burghard, 146 — S. Paulo.

Fabrica de Fumos "Braz"

Fundada em 1887

Escusado é dizer-se que esta é a unica fabrica que vende sem reserva de prepos. Seus productos são conhecidos em todo o

Estado

Perella & Comp. Avenida Rangel Pestana, 66 — S. Paulo —

A LANTERNA NO INTERIOR

A Lanterna, além de ser vendida gratuitamente em quasi o todo interior do Estado, é encontrada tambem á venda nas seguintes agencias:

En Rio de Janeiro, na Agencia do sr. José Sallés, rua Amador Bueno, 41 e 43.

En Campinas, em casa do sr. Antonio Albino Junior, na Rua da Alameda, 194.

En Santos, na Agencia do sr. Paiva Magalhães, rua Santo Antonio.

En Mogi das Cruzes, na Agencia do sr. Antonio Coimbra.

Bello Horizonte, na Agencia do sr. Giacomo Aluotto & Irmão.

Salvadores, com o sr. Fenelon Barboza, largo do Commercio 1 A.

Florianopolis, com o sr. Valentin Farinhas, rua Republica, 4.

LA BATAILLE SYNDICALISTE

Diario redigido por militantes da Confederacao Geral do Trabalho 10, BOULEVARD MAGENTA, PARIS — X.

Ano 31 francos
6 mezes 18.50
3 mezes 9.25

"IDEAL"

Esta magnifica allegoria de Firmino Sagrista, da qual os nossos leitores viram uma reproducção na primeira pagina do nosso numero especial de 13 outubro, encontra-se á venda, magnificamente impressa em bom papel, na redacção da Guerra Social, Caixa postal, 1437, Rio.

E' vendida em beneficio do mesmo jornal a 300 réis cada exemplar.

"El Motin"

Este excelente periodico anticlerical de combate, dirigido pelo velho e valente combatente José Naksen e que se publica semanalmente em Madrid, com 16 paginas e magnificamente illustrado, está á venda á rua do Gazeiro, 115, a 200 réis o exemplar.

A LANTERNA

E' vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

SALÃO DE BARBEIRO — Avenida Rangel Pestana, 140.

VENTURA SIERRA, rua Conselheiro Rangel Pestana, 140.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Scifuto, rua 15 de Novembro, 37.

AGENCIA DE JORNAL, rua C. Caetano, 230.

SALÃO DE ENGRAXATE, rua 15 de Novembro, 4.

SALÃO DE ENGRAXATE, largo da Sé, 5 A.

A Lanterna em Porto Alegre

Em Porto Alegre quem deseja assignar a Lanterna, dirija-se a Fyriagoras, Leide, 66, ou a Polydoro Santos, na Escola Elyzen Kelsen.

Na União dos Federeiros, rua Santo Antonio, 157.

Encontra-se á venda na Mensageira Central, á rua Bragança.

BIBLIOTHECA DA "LANTERNA"

EN PORTUGUESE

M. Gorki, *Os amarelos* . . . \$300

A. de Pinho, *Pela Educação e pela Tradição* . . . \$300

H. Malatesta, *Programa dos socialistas anarquistas-revolucionarios* . . \$100

Pietro Kropotkin, *O Communismo Anarquico* . . . \$100

Prof. Saturnino Barbosa, *Poesia Transcendental* . . . \$1000

R. Feres Galdós, *Electra*, (drama anticlerical em 5 actos) . . \$1000

Meza Botto, *O Fogo Negro* . . \$2000

Jesus Christo *manuscrito*, Bossi, *Religio e Evoluçao*, E. Hackel . \$500

Sociologia Fundamental, Bentes *Dir Universal*, Faure . . \$500

Brito Bethencourt, *Catecismo Ateu* \$500

EM ESPANHOL

J. Ruiger, *Las Guerras y la Divinidad de la Policia* . . \$100

Ch. Drysdale, *Dignidad, Libertad e Independencia* . . \$100

C. S. Darro, *Crimes y Criminalidad* . . \$100

André Girard, *Educación y Anticlericalismo* . . \$100

EM ITALIANO

Dottor Nicolo' Conventi, *Ch' essa è il Socialismo* . . \$100

Romano di una Donna, Angio Longarini . . \$500

EM FRANCÊS

La Prison, Victor Kropotkin . . \$300

L'Esprit de Révolte . . \$300

René Chaugli, *La Femme Eclairee* \$300

Yves Chaugli, *Le Monde et l'Action* \$300

Yves Chaugli, *Le Monde et l'Action* \$300

Yves Chaugli, *Le Monde et l'Action* \$300

Yves Chaugli, *Le Monde et l'Action* \$300

Yves Chaugli, *Le Monde et l'Action* \$300

Yves Chaugli, *Le Monde et l'Action* \$300

Yves Chaugli, *Le Monde et l'Action* \$300

Yves Chaugli, *Le Monde et l'Action* \$300

Yves Chaugli, *Le Monde et l'Action* \$300

Yves Chaugli, *Le Monde et l'Action* \$300

Yves Chaugli, *Le Monde et l'Action* \$300

Yves Chaugli, *Le Monde et l'Action* \$300

Yves Chaugli, *Le Monde et l'Action* \$300

Yves Chaugli, *Le Monde et l'Action* \$300

Yves Chaugli, *Le Monde et l'Action* \$300

Yves Chaugli, *Le Monde et l'Action* \$300

Yves Chaugli, *Le Monde et l'Action* \$300

Yves Chaugli, *Le Monde et l'Action* \$300

Yves Chaugli, *Le Monde et l'Action* \$300

Yves Chaugli, *Le Monde et l'Action* \$300

BIBLIOTHECA DA "LANTERNA"

EN PORTUGUESE

M. Gorki, *Os amarelos* . . . \$300

A. de Pinho, *Pela Educação e pela Tradição* . . . \$300

H. Malatesta, *Programa dos socialistas anarquistas-revolucionarios* . . \$100

Pietro Kropotkin, *O Communismo Anarquico* . . . \$100

Prof. Saturnino Barbosa, *Poesia Transcendental* . . . \$1000

R. Feres Galdós, *Electra*, (drama anticlerical em 5 actos) . . \$1000

Meza Botto, *O Fogo Negro* . . \$2000

Jesus Christo *manuscrito*, Bossi, *Religio e Evoluçao*, E. Hackel . \$500

Sociologia Fundamental, Bentes *Dir Universal*, Faure . . \$500

Brito Bethencourt, *Catecismo Ateu* \$500

EM ESPANHOL

J. Ruiger, *Las Guerras y la Divinidad de la Policia* . . \$100

Ch. Drysdale, *Dignidad, Libertad e Independencia* . . \$100

C. S. Darro, *Crimes y Criminalidad* . . \$100

André Girard, *Educación y Anticlericalismo* . . \$100

EM ITALIANO

Dottor Nicolo' Conventi, *Ch' essa è il Socialismo* . . \$100

Romano di una Donna, Angio Longarini . . \$500

EM FRANCÊS

La Prison, Victor Kropotkin . . \$300

L'Esprit de Révolte . . \$300